

Geopolítica e Postura Estratégica da Rússia na Crise da Venezuela

Geopolitics and Strategic Posture of Russia in the Venezuela Crisis

Augusto W. M. Teixeira Júnior*

RESUMO

O presente artigo analisa o engajamento da Rússia na crise da Venezuela sob a ótica da geopolítica e de sua postura estratégica. A análise é dividida em dois eixos: Postura Estratégica da Rússia na Venezuela; Presença e Diplomacia Militar russa na América Latina e Caribe. Através de documentos oficiais, o primeiro eixo investiga o lugar da Venezuela na Política Externa russa tal como a sua lógica de aproximação na América Latina e Caribe. A formação de uma ordem policêntrica em que Moscou seja reconhecida como grande potência é avaliada como a principal lógica do engajamento de Moscou com a Venezuela. Como parte de sua estratégia internacional, a diplomacia militar é analisada também à luz do padrão de transferência de armas russas para a região, com ênfase na Venezuela. Por fim, o artigo conclui que, apesar da relevância do apoio russo para a sustentação do governo de Nicolas Maduro no campo econômico e energético, o engajamento russo-venezuelano é fundamentalmente geopolítico. Apesar do imperativo da distância, os interesses mais prementes da Rússia contribuem para manter a América Latina como uma importante zona de expansão, com destaque para os efeitos simbólicos da força militar na bacia do Caribe.

Palavras-chave: Geopolítica; Postura Estratégica; América Latina e Caribe; Rússia; Venezuela.

ABSTRACT

This paper analyzes Russia's engagement in the Venezuelan crisis from the perspective of geopolitics and its Strategic Posture. The analysis is divided into two axes: Russia's Strategic Posture in Venezuela; Russian Military Presence and Diplomacy in Latin America and the Caribbean. Through official documents, the first axis investigates Venezuela's place in Russian Foreign Policy as well as the logic of its engagement with Latin America and the Caribbean. The formation of a polycentric order in which Moscow is recognized as a great power is assessed as the main logic of Moscow's engagement with Venezuela. As part of its international strategy, military diplomacy is also analyzed considering the pattern of Russian arms transfers to the region, with an emphasis on Venezuela. Finally, the article concludes that notwithstanding the relevance of Russian support to Nicolas Maduro's government in areas such as economy and energy, Russian-Venezuelan engagement is fundamentally geopolitical. Despite the imperative of distance, Russia's most pressing interests contribute to maintaining Latin America as an important expansion zone, highlighting the symbolic effects of military force in the Caribbean basin.

Keywords: Geopolitics; Strategic Posture; Latin America and the Caribbean; Russia; Venezuela.

* Doutor em Ciência Política (UFPE). Pós-doutor em Ciências Militares (ECEME). Professor do Departamento de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais (UFPB). Pesquisador Sênior do Núcleo de Estudos Prospectivos do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (NEP - CEEEX) e do INCT-INEU.

Sumário Executivo

O presente artigo integra uma agenda de pesquisa mais ampla, cuja indagação central busca conhecer o perfil da atuação das grandes potências no entorno estratégico brasileiro. Como parte desse esforço, este artigo propõe como recorte da temática supracitada o enfoque no papel da Rússia na crise da Venezuela. A investigação se desenvolveu em dois eixos complementares, e teve como análise anterior, o ensaio “A Geopolítica da China na Crise da Venezuela: Postura Estratégica e Diplomacia Militar”.

No primeiro, estudou-se a Postura Estratégica da Rússia, em particular, o papel da Venezuela para a sua estratégia internacional. Para tal efeito empreendeu-se o estudo de documentos orientadores do comportamento russo em relações internacionais, em particular o *Conceito de Política Externa da Federação Russa*, a *Estratégia de Segurança Nacional Russa* e a *Doutrina Militar da Federação Russa*. A análise dos respectivos documentos permite compreender não apenas o sentido estratégico que a Venezuela possui para a Rússia, mas também como o país cumpre um papel no tabuleiro geoestratégico do qual joga Moscou.

A convergência de interesses entre a Venezuela e a Rússia nas administrações Chávez e Maduro produziram um forte alinhamento nos campos político, econômico, energético, diplomático e militar. A cooperação russo-venezuelana cumpre funções na estratégia internacional de ambos os países nos últimos vinte anos.

Em linhas gerais, Moscou persegue dois grandes objetivos em sua estratégia internacional. Primeiramente, a formação de uma ordem policêntrica e, como consequência, o reposicionamento da Rússia como grande potência. Diante dos macro-objetivos de Moscou, a Venezuela proporciona oportunidades e desafios para a consecução desses fins. Interesses nas áreas de energia (Petróleo e Gás), segurança (transferência de armas) e localização (Bacia do Caribe), permitem a Moscou avançar seus interesses geopolíticos. Entre esses, observa-se como fundamental a possibilidade de balancear os Estados Unidos com meios militares, mesmo que de forma limitada, em sua própria área de influência histórica.

O segundo eixo lança luz sobre os aspectos da presença e da diplomacia militar russa na Venezuela e região. Não obstante a América Latina e Caribe não configurar como área prioritária de atuação para o poder militar russo, países como a Venezuela tem sido objeto de intenso intercâmbio de pessoal, reuniões de alto nível (defesa e militar) e de visitas, a exemplo da aviação estratégica russa e de sua força naval. O estudo desse eixo é complementado com a análise do padrão de transferência de armamentos da Rússia para a Venezuela. Maior fornecedor de armas da Venezuela nos últimos vinte anos, a Rússia foi fundamental para a recomposição de meios militares do país sul-americano, com importantes impactos para a criação de um sistema incipiente de antiacesso e negação de área venezuelano, calcado fortemente na defesa aérea e antiaérea.

Por fim, o artigo alerta para o fato de que o engajamento da Rússia na Venezuela e região é orientado por um planejamento de curto e médio prazo, conduzido por uma estratégia internacional que embora assuma uma postura defensiva, tem objetivos positivos como poder e prestígio. Ademais, o que chamamos de estratégia internacional da Rússia apresenta sinais de desgaste e limitação nos últimos anos. Ao buscar manter um espaço de atuação e localização privilegiada no Hemisfério Americano, Moscou incorpora a América Latina e Caribe à sua estratégia de inserção global. Para o Brasil, essa tendência apresenta oportunidades para a barganha diplomática em virtude de sua participação nos BRICS ao lado da Rússia; mas também desafios de primeira ordem em função do alto potencial de desestabilização regional da crise venezuelana e da possibilidade de ocorrência de Disputas Militarizadas Interestatais no norte da América do Sul com efeitos diretos e indiretos para o Brasil. Fundamentalmente, o decurso atual da crise acentua a percepção sobre um possível aprofundamento da perda de espaço de manobra e liberdade de ação do Brasil em seu entorno estratégico imediato.

Postura Estratégica da Rússia na Crise da Venezuela

Cinco anos após a controversa participação de Moscou na guerra da Ucrânia e na posterior anexação da península da Criméia, a América Latina e o Caribe ganham cada vez mais espaço na consecução de objetivos do governo Vladimir Putin. Trinta anos após a queda do muro de Berlim, evento paradigmático da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Rússia contemporânea discute a instalação de bases aéreas e navais na Venezuela¹. No contexto de poderosas sanções que vem deteriorando as condições econômicas do Estado russo, Moscou sustenta uma aposta ousada no decorrer da crise venezuelana. Diante de tais eventos, o que explica o interesse e atuação da Rússia no contexto da crise da Venezuela?

O quadro de eventos descritos acima transparece uma aparente contradição entre um país que luta para se reorganizar após a derrota na Guerra Fria, mas ao mesmo tempo exibe um perfil robusto no tocante a temas de alta política internacional. A re-emergência da Rússia é bem ilustrada por sua rivalidade crescente com os Estados Unidos, no qual o uso da força militar tem sido empregado como instrumento da política, tal como na guerra russo-georgiana (2008), guerra da Ucrânia e anexação da Criméia (2014) e a guerra da Síria (2015). Entretanto, como eventos centrados na Eurásia, moldados pela re-emergência russa, se conectam às dinâmicas e crises políticas na América Latina

¹ Em linhas gerais, se prevê a possibilidade de uma base naval no litoral caribenho, possivelmente na ilha LaOrchila – a qual já teve a sua capacidade para receber grandes vasos de guerra testada quando da visita do cruzador “Pedro, o Grande” na última década. No campo do poder aéreo, a base de Maiquetía poderia abrigar glebas e hangares aptos a serem utilizados pela aviação estratégica russa, a exemplo dos Tu-160 (EXAME, 2019). Para uma análise crítica sobre a necessidade da aviação estratégica russa possuir uma base permanente na Venezuela, ver Frolov (2018).

e Caribe? De forma a responder essa questão o presente artigo lança luz na atuação de Moscou na crise da Venezuela.

Para melhor compreender a postura estratégica de Moscou em relação à crise venezuelana se faz necessário atentar para quais são os objetivos russos no nível global, como a Venezuela se conecta à consecução destes fins, quais meios estão disponíveis à Moscou e por fim, a sua estratégia. Antes de adentrar no campo fático, uma imersão nos documentos oficiais da Rússia mostra-se um importante requisito para melhor compreender a lógica por trás da ação russa em relação à Venezuela. Para tal objetivo, três documentos ajudam a lançar luz e a imprimir coerência à política internacional russa, são eles: o *Conceito de Política Externa da Federação Russa* (RUSSIAN FEDERATION, 2016), a *Estratégia de Segurança Nacional Russa* (RUSSIAN FEDERATION, 2015) e a *Doutrina Militar da Federação Russa* (RUSSIAN FEDERATION, 2014). Entre os elementos estruturantes que imprimem racionalidade à conduta russa em relação à Venezuela, destacamos como o país avalia o ambiente internacional, a retomada da competição estratégica entre grandes potências, a reavaliação sobre a utilidade do uso da força militar e como resultante, o que a Rússia entende como postura estratégica defensiva.

Os documentos oficiais supracitados, apesar de publicados em anos distintos, coincidem ao apontar os grandes objetivos internacionais da Rússia no contexto da presidência Vladimir Putin. Em suas provisões gerais, o *Conceito de Política Externa da Federação Russa* (RUSSIAN FEDERATION, 2016) apresenta dois de seus principais elementos orientadores, são eles: consolidar a posição da Federação Russa como um centro de influência no mundo contemporâneo e, buscar relações de vizinhança com Estados adjacentes e ajudá-los a eliminar os existentes focos de tensão e conflitos em seu território e impedir a

surgimento de novos (RUSSIAN FEDERATION, 2016).

Os objetivos destacados acima apontam para um estado final desejado que consiste no reposicionamento da Rússia e reconhecimento pelos pares de sua condição de grande potência. Em decorrência, infere-se uma expectativa de respeito tácito ao que seria uma área de influência histórica de Moscou em seu entorno regional. Os grandes objetivos globais da Rússia abordados acima não são imunes à turbulência do **ambiente internacional**. Da mesma forma que se observa a constância no tocante aos macro-objetivos da política internacional russa nos documentos supracitados (RUSSIAN FEDERATION, 2014, 2015, 2016), percebe-se, igualmente, uma leitura que apesar de apontar possibilidades para a Rússia, exhibe uma tônica pessimista sobre o quadro internacional, o qual se caracterizaria fundamentalmente pela instabilidade. Conforme se lê na seção sobre *O Mundo Moderno e a Política externa da Federação Russa*,

“4. O mundo está atualmente passando por mudanças fundamentais relacionadas com a emergência do sistema internacional multipolar. A estrutura das relações internacionais está se tornando cada vez mais complexa. A globalização levou a formação de novos centros de poder econômico e político. O poder global e o potencial de desenvolvimento estão se tornando descentralizados, e está se mudando para a região da Ásia-Pacífico, erodindo a dominância econômica e política global das tradicionais potências ocidentais. A diversidade cultural e civilizacional do mundo e a existência de múltiplos modelos de desenvolvimento tem se tornado mais clara do que nunca”. (RUSSIAN FEDERATION, 2016 [tradução nossa])²

² No original: “4. The world is currently going through fundamental changes related to the emergence of a multipolar international system. The structure of international relations is becoming increasingly complex. Globalization has led to the formation of new centres of economic and political power. Global power and development potential is becoming decentralized,

De acordo com essa avaliação, a multipolaridade, a globalização e a diversidade cultural e civilizacional são três fenômenos estruturantes das mudanças de amplo espectro da política internacional. Embora contribuam para a consecução do objetivo de Moscou de emergir como polo de poder, apresentam também constrangimentos em virtude de que o mundo em construção surgirá da disputa internacional entre potências revisionistas, reformistas e de *status quo*.

Como afirmado na *Estratégia de Segurança Nacional Russa* (RUSSIAN FEDERATION, 2015), o processo de moldar um novo modelo policêntrico [sistêmico] estaria sendo acompanhado pelo aumento da instabilidade global e regional. Para Moscou, o processo em curso exacerba as contradições entre os desníveis no desenvolvimento mundial, incide sobre a luta por recursos, acesso a mercados e o controle por artérias de transporte (RUSSIAN FEDERATION, 2015). Ou seja, o fenômeno sistêmico de mudança da polaridade global [multipolaridade] enseja a competição e disputa para além dos vetores militares, mas sim no amplo espectro do poder nacional, impactando inclusive a própria conduta da guerra (RUSSIAN FEDERATION, 2014). Por isso, para o documento de Segurança Nacional da Rússia, “um espectro inteiro de instrumentos políticos, financeiro-econômicos e informacionais foram colocados em ação na luta por influência na arena internacional”³ (RUSSIAN FEDERATION, 2015).

A leitura russa do panorama internacional, destacada pelo aumento da instabilidade global e regional; e pela emergência da multipolaridade, é

and is shifting towards the Asia-Pacific Region, eroding the global economic and political dominance of the traditional western powers. Cultural and civilizational diversity of the world and the existence of multiple development models have been clearer than ever.” (RUSSIAN FEDERATION, 2016).

³ No original: “An entire spectrum of political, financial-economic, and informational instruments have been set in motion in the struggle for influence in the international arena.” (RUSSIAN FEDERATION, 2015).

acompanhada pela avaliação dos Estados Unidos em um ponto particular: **a retomada da competição estratégica entre grandes potências**. No *Defense Posture Statement* de 2017, o então Secretário de Defesa Ashton Carter expressava visão semelhante sobre a turbulência global provocada pela competição entre grandes potências em decorrência do ressurgimento da Rússia e ascensão Chinesa (IISS, 2017). Visto por Moscou como uma oportunidade, para Washington, a sensação de que o ocidente perde progressivamente a sua dianteira tecnológica frente a atores não-ocidentais impacta não apenas em suas vantagens comparativas, mas na possibilidade da erosão de suas capacidades militares (IISS, 2015; TEIXEIRA JÚNIOR, 2018a). Essa avaliação é um dado fundamental na estruturação da competição estratégica russo-americana, tão fundamental que está presente na avaliação da conjuntura internacional apresentada na Doutrina Militar Russa (RUSSIAN FEDERATION, 2014; IISS, 2016).

A visão russa sobre a competição entre grandes potências possui dois desdobramentos. Primeiro, entende que as tensões internacionais emergentes são decorrentes das crescentes disparidades entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, somadas à crescente competição por recursos, mercados e controle de passagens, estreitos e linhas de comunicação (RUSSIAN FEDERATION, 2016). A competição supracitada transborda da esfera militar ao se processar nas diversas expressões da vida, produção e consumo. Para a Rússia, estaria em curso uma competição na dimensão civilizacional, representada pelo duelo de valores na arena internacional⁴. O segundo

⁴ Observe-se que apesar de não ser citado diretamente, o Conceito de Política Externa da Federação Russa mobiliza expressivamente as ideias de cultura e diversidade civilizacionais não só como elementos componentes do sistema internacional, mas como fatores de disputa e conflito. Desta forma, faz eco ao pensamento geopolítico de autores como Huntington (1996), em particular ao desalojar o lugar da ideologia como centro da disputa internacional, alocando em seu lugar a cultura e o ideário civilizacional (DUGIN, 2015).

desdobramento se origina da própria ação internacional da Rússia. Segundo a Estratégia Nacional do país, “a implementação por parte da Federação Russa de uma política doméstica e externa independente está dando origem a oposição dos Estados Unidos e de seus aliados, os quais estão buscando manter a sua dominância nos assuntos mundiais”⁵ (RUSSIAN FEDERATION, 2015). É nesse cenário que Moscou compreende ser alvo de pressões por meios políticos, econômicos, militares e informacionais.

Nesse quadro internacional Moscou percebe e reavalia **a utilidade do uso da força militar** para a consecução de seus objetivos. De acordo com a Estratégia Nacional (RUSSIAN FEDERATION, 2015; TEIXEIRA JÚNIOR, 2018b), o papel do uso da força nas relações internacionais não está em declínio, ao contrário, estaria se tornando um fator cada vez mais importante nas relações internacionais (RUSSIAN FEDERATION, 2016). Essa afirmação se baseia na avaliação de Moscou de processos de modernização de sistemas de armas ofensivas e de seus rebatimentos para o sistema global de segurança e manutenção dos tratados e acordos de controle de armas. Já em 2015, Moscou expressava claramente a percepção de que estavam se desenvolvendo em regiões adjacentes à Rússia processos de militarização e de corrida armamentista (RUSSIAN FEDERATION, 2015). Para o país, sinalizavam para a erosão das condições de segurança internacional do sistema de defesa antimíssil dos Estados Unidos, a sua capacidade de implementação do conceito de “global strike”, tal como o desenvolvimento de sistemas de armas não-nucleares de precisão aptas a serem alocados no espaço.

Como é possível inferir nos parágrafos anteriores, observa-se uma tensão entre os

⁵ No original: “The Russian Federation's implementation of an independent foreign and domestic policy is giving rise to opposition from the United States and its allies, who are seeking to retain their dominance in world affairs.” (RUSSIAN FEDERATION, 2015).

objetivos internacionais da Rússia e os desafios do sistema internacional em transição. Lançar luz sobre esse dilema é um importante passo para analisar a postura estratégica de Moscou. Posição sustentada por autores como Sushentov (2015) e Romana (2016), oficialmente a postura estratégica russa é de caráter defensivo (RUSSIAN FEDERATION, 2014, 2015, 2016). Principal herdeira da URSS, a Rússia contemporânea sofreu perdas decorrentes de sua transição nos anos 1990. Primeiramente, com o fim da bipolaridade, luta atualmente para se afirmar como um polo de poder ao promover a configuração de uma ordem internacional policêntrica. Em segundo lugar, ao deixar de ser uma superpotência, almeja o reconhecimento de seus pares quanto a sua condição de grande potência. Ambos os objetivos confluem para uma resposta à progressiva redução de poder e domínio da Rússia sobre a sua própria área de influência histórica, percebida como essencial para a sua segurança nacional (SUSHENTOV, 2015; RUSSIAN FEDERATION, 2015; ROMANA, 2016).

Originalmente defensiva, visando primeiramente sustar o processo de perda de influência em seu entorno regional e em assuntos globais em que é protagonista (proliferação nuclear, controle de armas, entre outros), a estratégia internacional da Rússia sob Putin possui objetivos positivos⁶. Por essa razão, a posição russa aporta um dilema para os analistas internacionais: ao passo que professa preferências defensivas no tocante à sua área de influência eurasiática, objetivando sustar a redução paulatina de sua liberdade de atuação em seu ambiente regional; Moscou

⁶ Originalmente em relação aos objetivos da guerra e aplicação do poder militar, os objetivos positivos normalmente contemplam a conquista. Ao contrário, os objetivos negativos, tradicionalmente ligados à defesa, se relacionam à preservação de interesses postos, como o território, linha de fronteira, entre outros (CLAUSEWITZ, 2007). No presente artigo, entendemos os objetivos russos de sustar o seu declínio relativo como objetivos negativos, ao passo que os seus fins ligados ao reconhecimento da condição de potência e prestígio como objetivos positivos.

expressa preferências de prestígio e liderança regional e internacional (OLIKER, 2016).

Buscando a realização de seus objetivos na arena internacional, a Rússia buscou ser protagonista na configuração dos assuntos globais na primeira década do século presente, como ilustra a sua participação em coalizões e organizações internacionais com países desenvolvidos e em desenvolvimento⁷. Nos marcos dessa política, mais do que um objetivo de política externa, a aproximação da Rússia com países latino-americanos e suas organizações regionais é coerente com a sua estratégia de segurança nacional, em particular no tocante a finalidade de consolidar a Federação Russa como uma potência global líder em um mundo policêntrico (RUSSIAN FEDERATION, 2015). Por essa razão, segundo a *Estratégia de Segurança Nacional da Federação Russa* (RUSSIAN FEDERATION, 2015), o país desenvolve ações de cooperação política, comercial, econômica e técnico-militar, mas também colabora em ações no campo da segurança, ações humanitárias e contatos educacionais com países latino-americanos e africanos, tal como com associações regionais desses estados.

Mais precisamente, no *Conceito de Política Externa da Federação Russa* (RUSSIAN FEDERATION, 2016) é explicitado o compromisso de Moscou com o fortalecimento das relações compreensivas com a América Latina e Caribe em assuntos globais. É no contexto da emergência de vários governos de esquerda na América Latina e Caribe, com posições em desafio à Washington, que se dá a conexão entre os objetivos de Moscou e da Venezuela (ROUVINSKI, 2019). Segundo Rouvinski (2019), o engajamento russo da Venezuela era

⁷ A Para além de sua participação em organismos regionais, como a Comunidade de Estados Independentes (CIS), a Rússia participa de iniciativas como o BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), RIC (Rússia, Índia e China), a Organização de Xangai (SCO), o Fórum de Cooperação Econômica da Ásia-Pacífico, o G-20, entre outras instituições (RUSSIAN FEDERATION, 2015).

representativo da ambição global do presidente Putin em recrutar para a sua órbita países geograficamente distantes como parceiros na construção de uma ordem multipolar, com forte componente antiamericano. Partindo dessa conexão, a geopolítica e postura estratégica da Rússia para a América Latina e Caribe se liga umbilicalmente à atual crise da Venezuela (GURGANUS, 2018).

Tendo início como um conflito político doméstico, a escalada da situação de instabilidade econômica, política e social da Venezuela nos últimos anos tem contribuído para a internacionalização da crise. Com impactos regionais já atestados, a situação da Venezuela é elevada a um novo patamar devido ao envolvimento de grandes potências como Estados Unidos e Rússia.

Antes uma potência regional em ascensão que buscava agir sobre o ordenamento latino-americano a partir de petrodólares e de associações regionais como a ALBA⁸ (CORRALES e PENFOLD, 2011), a Venezuela tem se tornado cada vez mais isolada regionalmente. Em momentos anteriores, grupos *ad hoc* foram organizadas no sentido de “desescalar” crises, como por exemplo o Grupo de Amigos da Venezuela⁹. Diferente de outros momentos, na atual conjuntura se observa uma reduzida tolerância ao regime Maduro, ilustrada pela conformação de outro grupo *ad hoc*, o Grupo de Lima¹⁰. Como resultado da

⁸ Alternativa Bolivariana para os Povos da Nossa América. Antes um trunfo político-diplomático da Venezuela (CORRALES e PENFOLD, 2011), a ALBA perde força nos últimos anos (LAFUENTE e SCHARFENBERG, 2014).

⁹ Grupo *ad hoc*, criado no início dos anos 2000, teve no Brasil figura de liderança na busca pela mediação e solução pacífica de crises envolvendo o governo bolivariano e outros atores políticos. Em 2017, o grupo foi reativado como medida para se buscar soluções para a crise venezuelana (OTTA, 2017).

¹⁰ Grupo *ad hoc* composto por 14 países do hemisfério americano com objetivo de contribuir para o fim da crise política venezuelana através de uma solução “pacífica e negociada” (ROSSI, 2019).

internacionalização da crise, a posição dos países em torno do governo Maduro expressa em partes o seu lado nos alinhamentos internacionais, refletindo para a América Latina e Caribe a competição sistêmica entre Rússia e Estados Unidos (GURGANUS, 2018; KAPLAN e PENFOLD, 2019; ONER E SHEHDEH, 2019). A figura 1 ilustra com clareza esse argumento.

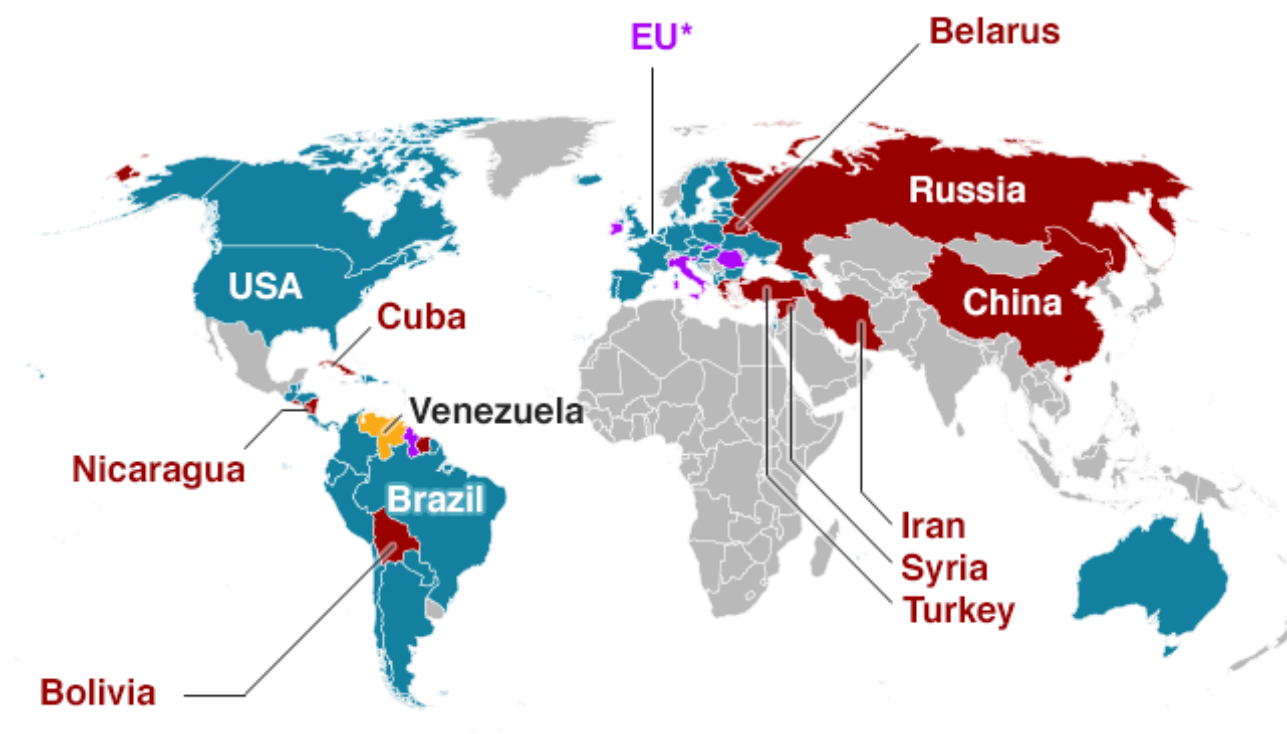
De forma a mitigar a redução substantiva do apoio político-diplomático antes encontrado na região, Caracas buscou aliviar o isolamento buscando apoio em parceiros não-ocidentais¹¹. Um amplo leque de países vem se tornando relevante para a manutenção do regime, como demonstra o processamento de ouro venezuelano pela Turquia e as aquisições de petróleo cru por parte da Índia (ONER E SHEHDEH, 2019). Contudo, apesar da relevância da ampliação de parceiros internacionais não-tradicionais, é na Rússia e na China que o regime bolivariano se escora mais fortemente. Como a Figura 1 ilustra, é possível inferir uma convergência entre posições a favor e contra Maduro e a sua relação mais ampla com a competição entre Estados Unidos, Rússia e China.

¹¹ Entre os quais, Oner e Shehdeh (2019) destacam: Rússia, China, Irã, Turquia, Egito, Síria, Iraque, Vietnã, Belarus, Azerbaijão e Qatar. Observe-se que as motivações dos países para as relações com a Venezuela bolivariana são distintas. Embora preponderem as razões econômicas e de oportunidades de mercado, como é o caso da Índia e China por exemplo, existe um importante componente de desafio à ordem vista como imposta pelos Estados Unidos. Nesse caso, sobressaem-se a Rússia e a Turquia.

FIGURA 1: Alinhamentos Internacionais e as Posições a Favor e Contra Maduro

Where do the countries stand on Venezuela?

- Support Maduro
- Recognise Guaidó as interim president
- Calling for new elections



Fonte: BBC (2019).

Não se encontra em questão apenas temas como a defesa da democracia, mas outros princípios também basilares à ordem internacional, como soberania e não-intervenção. Conforme aponta o *Conceito de Política Externa da Federação Russa* (RUSSIAN FEDERATION, 2016), para além da dimensão geopolítica, econômica e militar, essa competição consiste também numa disputa civilizacional em que valores concorrentes estão em choque. É nesse sentido que a crise da Venezuela transborda o nível regional e torna-se, cada vez mais, uma arena de disputa não apenas entre grandes potências, mas um sintoma da luta pela definição do futuro da ordem internacional permeada pela mudança da polaridade global desejada por Moscou.

Como aspecto mais saliente desse fenômeno, a atuação de grandes potências extrarregionais, a favor ou contra o governo

de Nicolás Maduro, conecta a crise do país sul-americano com processos mais gerais do sistema internacional, a saber: a emergência da multipolaridade calcada em polos de poder que desafiam, em distintos matizes, a primazia dos Estados Unidos como agente ordenador das relações internacionais no tempo presente. É nesse cenário que o embate e competição estratégica entre Estados Unidos e Rússia ganha novas arenas. Competição que tradicionalmente se processa na Europa do Leste, na última década tem tido na América Latina e Caribe um espaço estendido no qual Washington e Moscou medem forças.

Após décadas centrada em teatros de operação no Oriente Médio, a América Latina ganha relevância na administração Trump (THE ECONOMIST, 2019). A afirmação do então Conselheiro de Segurança Nacional John Bolton em maio de 2019, de que a “Doutrina Monroe está viva e passa bem” não

apenas faz referência ao entendimento da América Latina e Caribe como “quintal” dos Estados Unidos, como também é um alerta contra a intromissão de Rússia e China na área de influência histórica dos EUA (THE ECONOMIST, 2019).

Ao discutir a atuação da Rússia junto a Venezuela, Kaplan e Penfold (2019), afirmam que,

“Ao apoiar financeiramente o regime Maduro, a Rússia aproveitou a oportunidade para sinalizar seu retorno ao cenário global e hemisférico com um movimento simbólico na Venezuela, um país próximo dos EUA. Moscou também demonstrou a seus aliados hemisféricos, como Cuba e Nicarágua, que poderia exercer influência na América Latina e desafiar os interesses geopolíticos dos EUA.”¹² (KAPLAN e PENFOLD, 2019).

Por sua vez, a estratégia dos Estados Unidos para promover a queda do governo Maduro apresenta problemas. Para Martynov (2019), as sanções dos Estados Unidos contra a Venezuela seriam um símbolo do crescente enfraquecimento de Washington. Afirma o autor que,

“Elas [sanções] praticamente ‘garantem’ que a Venezuela manterá sua independência dos Estados Unidos, o que, dado o agravamento do confronto geopolítico global e os EUA se retirando de vários acordos internacionais, particularmente o Tratado INF, objetivamente “joga nas mãos” dos interesses da Rússia”¹³ (MARTYNOV, 2019)

¹² No original: “By financially backing the Maduro regime, Russia seized an opportunity to signal its return to the global and hemispheric stage with a symbolic move in Venezuela, a country in close U.S. proximity. Moscow also demonstrated to its hemispheric allies, such as Cuba and Nicaragua, that it could both exercise Latin American influence and challenge U.S. geopolitical interests.” (KAPLAN e PENFOLD, 2019).

¹³ No original: “They practically “guarantee” that Venezuela will maintain its independence from the

A análise de Kosinki e Alvares (2019) caminha em sentido parecido ao afirmar que a reação dos EUA à crise da Venezuela pode ser percebida como uma reação ao seu declínio gradual na Ásia, em virtude da expansão da Rússia para o Leste e a parceria sino-russa.

Independente da crítica que possa se fazer sobre a retomada da Doutrina Monroe na política externa dos EUA para a América Latina (SCHAKE, 2019), observa-se uma revalorização da região como arena de disputa geopolítica internacional. Com isso, a preferência dos Estados Unidos pela “dominância hemisférica” ganha novos ares no calor da crise em venezuelana (KOSINSKI e ALVARES, 2019). Para além da competição calcada no poder militar, a disputa por recursos, posicionamento e influência tem na crise da Venezuela um capítulo à parte. Discutimos a seguir as principais motivações geopolíticas da Rússia em seu engajamento com Caracas.

Um primeiro tópico que contribui para compreender as relações russo-venezuelanas consiste em seu papel frente aos já mencionados grandes objetivos da estratégia internacional russa. A Venezuela contribui para a estratégia russa em dois sentidos claros: primeiro, afirma o perfil da Rússia como grande potência ao passo em que confere à potência eurasiática posição e espaço estrategicamente próximo dos Estados Unidos. Desde o governo Chávez a Venezuela atua no sentido de reforçar a expectativa russa quanto ao seu reconhecimento como grande potência na arena internacional (GURGANUS, 2019). Indo além de um relacionamento diplomático protocolar, existem laços que se mantêm de Chávez à Maduro entre membros das elites bolivarianas e russa (ROUVINSKI, 2019).

United States, which, given the aggravation of the global geopolitical confrontation and the US withdrawing from a number of international agreements, particularly the INF Treaty, objectively “plays into the hands” of Russia’s interests.” (MARTYNOV, 2019).

Na perspectiva de Moscou, as relações entre Moscou e Caracas no período pós-soviético não poderiam ser mensuradas apenas em termos de ganhos econômicos, mas fundamentalmente políticos (KURMANAEV, 2019). Concordando com Rouvinski (2019), Kaplan e Penfold (2019) coincidem ao afirmar que inclusive os princípios que guiam o envolvimento de Moscou nos setores de petróleo e gás na Venezuela são muito mais políticos do que comerciais. Com o tempo, as prioridades russas na América Latina mudaram. A mudança do impulso inicial voltado a aproveitar possíveis vantagens de mercado em setores como o de energia e armamentos em favor de um cálculo mais político do que comercial seria explicado pela rápida expansão chinesa na América Latina, o que resultou na perda de mercado para a Rússia na região (ROUVINSKI, 2019; VADDELL, 2018).

A partir de 2015 – com o acirramento da crise política e econômica da Venezuela – a China assumiu um perfil cada vez mais cauteloso em relação a Caracas. Isso é importante, pois salienta não apenas diferentes estratégias e graus de comprometimento com o governo Maduro por parte de Pequim e Moscou, como ajuda a clarificar a existência de interesses distintos no campo do comércio e investimentos em relação a Caracas (ROUVINSKI, 2019; ZERPA e MILLARD, 2019). Em movimento inverso ao da China, a Rússia aceitou mais riscos, especialmente no setor de petróleo e gás, simbolizado pelo papel expressivo da empresa estatal russa Rosneft (KAPLAN e PENFOLD, 2019). O papel de protagonismo econômico-comercial desempenhado pela indústria de defesa russa no intercâmbio com a Venezuela foi progressivamente assumido pelo setor de petróleo e gás, com destaque para a importância da Rosneft na sobrevivência da PDVSA (KAPLAN e PENFOLD, 2019).

Como afirma Rouvinski (2019), seja em virtude da concorrência chinesa ou pela deterioração do ambiente de negócios em virtude da crise política e econômica, dentre as grandes empresas russas presentes na Venezuela a partir dos anos 2000 – dentre as

quais a Gazprom, Rosneft, Lukoil, Surgutneftegaz e a TNK-BP – a única companhia que se firmou no país até o presente foi a Rosneft. Para que se tenha noção da relevância da empresa, pode-se afirmar que,

“A Rosneft é a maior companhia na produção de petróleo e a segunda de gás da Rússia. É responsável por 41 por cento de toda produção de petróleo da Rússia e 6 por cento da produção mundial em termos de reservas de hidrocarboneto e na produção de hidrocarbonetos líquidos, é também a maior companhia pública do mundo de petróleo e gás. A Rosneft é considerada uma das principais companhias estratégicas da Rússia.”¹⁴(ROUVINSKI, 2019, p. 6).

Além da relevância da Rosneft para o governo da Rússia, a empresa é um importante instrumento da política externa do país. Para Rouvinski (2019), a Rosneft permite a Moscou apoiar governos amigos com a provisão de investimentos, serviços e créditos. Conforme asseveram Stott e Sheppard (2019), a Rosneft se tornou a principal fornecedora de petróleo para a Venezuela, contribuindo para reduzir a pressão econômica imposta por Washington contra Caracas (KURMANAEV, 2019). Segundo dados apresentados por Stott e Sheppard (2019), desde 2014 a Rosneft injetou mais de 7 bilhões de dólares no país sul-americano, principalmente na forma de pré-pagamentos por entregas de óleo cru e investimentos em poços de petróleo e gás no país. De acordo com Rouvinski (2019) a Rosneft participa de várias *joint-ventures* na área de energia. Segundo o analista, a empresa russa possui 40 por cento da Carabobo-2,4 (*Petrovictoria*), 16,7 por cento

¹⁴ No original: “Rosneft is the largest oil and the second largest gas producing company in Russia. It is responsible for 41 percent of all oil production in Russia and 6 percent of world production.¹⁴ In terms of hydrocarbon reserves and the production of liquid hydrocarbons, it is also the world’s largest public oil and gas company. Rosneft is considered one of Russia’s top strategic companies” (ROUVINSKI, 2019, p. 6).

da *PetroMonagas*, 40 por cento da Junin-6 (*PetroMiranda*), 40 por cento da Boquerón e 40 por cento da *Petroperija*. Em linhas gerais, a Rosneft possui na Venezuela cerca de 150 bilhões de barris de petróleo em reservas comprovadas (ROUVINSKI, 2019).

A expansão e a expressiva participação da Rosneft no setor de petróleo também se processa no setor de gás. De acordo com Zerpa e Millard (2019), a empresa russa vem aproveitando a crise para extrair concessões da Venezuela de forma a adentrar na exploração de gás natural *offshore* no Caribe. No contexto em que a China retrai o seu apoio financeiro junto à Venezuela e os Estados Unidos ampliam as sanções, a Rússia

percebe a crise como uma arriscada janela de oportunidade para o setor de gás e petróleo, com potenciais impactos nos mercados de Ásia e Europa (ZERPA e MILLARD, 2019; KAPLAN e PENFOLD, 2019). Primeiro, afeta o potencial de exploração de gás e petróleo por parte de empresas dos Estados Unidos e de países europeus na região. Em segundo lugar, conta a favor para um papel protagonista da Rússia no setor de gás e petróleo, com importantes consequências para a segurança energética global.

Conforme ilustrado pela Figura 2, não obstante o claro impacto econômico no setor de energia, a movimentação de Moscou tem reverberações geopolíticas importantes.

FIGURA 2: Áreas de Exploração de Gás pela Rosneft na Venezuela



Fonte: Zerpa e Millard (2019).

A Rosneft assinou contratos de produção de gás nos campos venezuelanos de Mejillones e Patao e considera atuar no bloco Detana 5, localizado em águas contestadas entre Venezuela e Guiana, com possíveis

repercussões para a Exxon Mobil Corp. que opera na Guiana (ZERPA e MILLARD, 2019). Além de aproveitar uma oportunidade de mercado, com essa movimentação a Rússia pode impactar não apenas numa diáde

regional (Venezuela-Guiana), como pode afetar o espaço de atuação de grandes empresas do setor de energia de países ocidentais. Conforme afirmado previamente, o peso da Rússia no controle de poços de petróleo e gás na Europa, Sibéria e Ártico, se soma com a sua participação na exploração energética na América Latina e Caribe. Em síntese, Moscou contabiliza pontos a favor no tocante à segurança energética, contribuindo para os seus fins geopolíticos globais.

Citando Hess, Kurmanaev (2019) afirma que as políticas russas para o país sul-americano atualmente são de baixo custo, porém com alto impacto geopolítico. Embora pretenda colher os frutos de uma estratégia de risco no setor de petróleo e gás, existem limites à estratégia russa na Venezuela. Em análise congruente com Kaplan e Penfold (2019) e Rouvinski (2019), Kurmanaev (2019) afirma que os laços econômicos entre Rússia e Venezuela vem reduzindo nos últimos anos, com o declínio mais sensível no setor bancário e na indústria de defesa. Para o analista, o recuo das empresas russas em relação a um cenário de deterioração política e econômica na Venezuela explicita limites da estratégia do presidente Putin em fomentar um aliado para antagonizar a administração Trump (KURMANAEV, 2019; GURGANUS, 2018). A opção por ações de caráter mais simbólicos, mas com peso geopolítico, se deve também a própria situação econômica difícil da Rússia após o desaquecimento da economia e das sanções após a guerra da Ucrânia e anexação da Criméia.

Outro fator enfatizado pela literatura especializada aponta que a pujança da participação russa na sobrevivência e exploração do setor de petróleo e gás na Venezuela contrasta com a fragilidade de sua posição no país. Para além dos custos geopolíticos ligados a uma possível mudança de regime, um governo hostil à Moscou poderia rever a atuação russa no setor no país em virtude de que os acordos entre a Rosneft e a PDVSA não terem sido aprovados pelo parlamento venezuelano (ROUVINSKI, 2019).

Diante das oportunidades no setor de energia e os riscos políticos envolvidos, quais os limites ao apoio russo à Venezuela? Se de um lado, a Venezuela oferece à Rússia a oportunidade de jogar um jogo geopolítico próximo aos Estados Unidos, Moscou também reconhece a relevância desse espaço – a Bacia do Caribe - para a segurança e geoestratégia de Washington (KOSINSKI e ALVARES, 2019). Realizando um paralelo entre o Caribe e a Europa de Leste, Kosinski e Alvares (2019) argumentam que embora os EUA tenham promovido apoio financeiro e diplomático tanto à Geórgia como à Ucrânia durante as suas disputas com a Rússia, houve o reconhecimento tácito de que eles estavam na zona de influência russa, freando o envolvimento militar direto dos Estados Unidos em defesa de seus aliados no Leste Europeu e no Cáucaso. Os autores vislumbram semelhante cenário em relação à relevância da Venezuela para a segurança e geoestratégia dos Estados Unidos.

A relevância geopolítica da Venezuela para a Rússia tem sido manifestada por sinais fortes de apoio a mais de uma década. Como apresentado até o momento, ao longo dos anos 2000, a Rússia tem estado presente militarmente no país sul-americano, seja através de visitas de sua aviação estratégica, visitas navais, mas mais precisamente através dos laços criados pela vultosa importação de material bélico russo por parte de Caracas desde o governo Chávez. Com os desenvolvimentos da crise Venezuela e no contexto de expressivos investimentos de Moscou, sob a figura da Rosneft, a presença militar de Moscou tem se tornado mais expressiva (WARD, 2019). As razões para a presença de pessoal militar russo em solo venezuelano são várias: desde a proteção de instalações diplomáticas, manutenção de equipamento ao manuseio ou adestramento de militares venezuelanos para operar equipamentos russos, em particular o sistema S-300 (WARD, 2019). É nesse sentido que a análise dos objetivos russos na Venezuela e os seus interesses mais prementes, no campo da geopolítica e energia, demandam uma avaliação mais detida sobre a estratégia e a expressão militar da Rússia na Venezuela.

Estratégia e Poder Militar Russo na Venezuela

Apesar do insucesso em geral das grandes empresas russas em competir com a China por mercados na América Latina e Caribe, no setor de defesa, Moscou é um protagonista de relevante influência. Embora a ênfase do presente artigo se concentre no caso da Venezuela, um panorama mais amplo se faz necessário para captar a permeabilidade da Rússia na América Central, Caribe e América do Sul.

Para além de Caracas, Moscou vem desenvolvendo relações políticas e intercâmbios econômicos com a Nicarágua. Segundo o *International Institute for Strategic Studies* (IISS, 2019), os equipamentos militares do país são fundamentalmente plataformas do período da Guerra Fria. Nos últimos anos, a Rússia vem suprindo o país centro-americano com material de segunda mão, como carros de combate¹⁵, veículos blindados, assim como atuou para o reequipamento de uma brigada mecanizada no país. Fruto dessa aproximação, a Nicarágua possui relações de treinamento conjunto com a Rússia, Cuba e Venezuela (IISS, 2019).

No Caribe, Moscou mantém relações históricas com Cuba e, em 2014, foi assinado um acordo de cooperação em segurança entre ambos os países (IISS, 2015). Há alguns anos discutia-se a possibilidade de reabertura de uma base russa de inteligência de sinais, fechada em 2002 (IISS, 2017). Entretanto, a cooperação em defesa tem como cerne o apoio técnico para a manutenção dos equipamentos militares da era soviética (IISS, 2019).

Na América do Sul, antes da Venezuela surgir como principal destino na América do Sul para as exportações de material de defesa da Rússia, o Peru exercia

esse protagonismo. O país, que possui em sua frota de blindados pesados diversos T-55, realizou aquisições de defesa com a Rússia para incrementar a sua capacidade de transporte aéreo de asas fixas (C-27J *Spartan*) e rotativas (Mi-17Sh), para as quais conta com apoio técnico e treinamento russo (IISS, 2017, p. 467). Por sua vez, com a Bolívia, que tem na China a sua principal fornecedora de material militar (IISS, 2019), a Rússia celebrou em 2016 um acordo para colaboração em tecnologias de defesa com o país (IISS, 2017). Em 2018, Moscou assinou semelhante acordo com o Uruguai, que previa intercâmbios de treinamento (IISS, 2019, p. 431).

Não obstante a presença da Rússia como exportador de material de emprego militar para diversos países da América Central, Caribe e América do Sul, a relação russo-venezuelana possui uma proporção de magnitude diferenciada. Enquanto que atualmente a articulação entre Moscou e Caracas esteja fortemente entremeada pela problemática geopolítica e energética, a cooperação e intercâmbio no campo militar e da indústria de defesa foi o pilar fundamental para o relacionamento (KURMANAEV, 2019), tendo a Venezuela adquirido mais de 4 bilhões de dólares em armamentos e equipamentos militares russos (KAPLAN e PENFOLD, 2019). Sobre essa questão, o quadro abaixo apresenta o panorama do intercâmbio na aquisição de material de defesa entre ambos os países entre 2000 e 2018, permitindo um vislumbre da dimensão da relação bilateral.

¹⁵ Em 2017 A Rússia entregou 20 carros de combate T-72 B1 para a Nicarágua, com previsão de mais entregas futuras (totalizando 50 unidades). Antes, os *Main Battle Tanks* (MBT) estavam no estoque de excedentes russo (IISS, 2017).

QUADRO 1: Transferência de Armas da Rússia para a Venezuela (2000 a 2018).

| Designação | Descrição | Ano de Entrega | Quantidade entregue |
|---------------------|--|----------------|---------------------|
| Mi-26 | Helicóptero de transporte | 2007 | 1 |
| Mi-35M | Helicóptero de combate | 2006 | 3 |
| Mi-35M | Helicóptero de combate | 2006 | 5 |
| Mi-8MT/Mi-17 | Helicóptero de transporte | 2006 | 6 |
| KAB-500/1500 | Bomba guiada | 2007-2008 | 200 |
| Kh-29/AS-14 Kedge | Míssil ar-terra | 2008 | 50 |
| Kh-31A1/AS-17 | Míssil anti-navio | 2008 | 50 |
| Kh-59ME Ovod/AS-18 | Míssil ar-terra | 2008 | 50 |
| Mi-35M | Helicóptero de combate | 2008 | 2 |
| Mi-8MT/Mi-17 | Helicóptero de transporte | 2009-2010 | 14 |
| Mi-8MT/Mi-17 | Helicóptero de transporte | 2009-2010 | 18 |
| R-27/AA-10 | Míssil além do alcance visual | 2007-2008 | 100 |
| R-73/AA-11 | Míssil ar-ar de curto alcance | 2008 | 150 |
| Su-30MK | Aeronave de caça e ataque ao solo | 2006-2008 | 24 |
| Igla-S/SA-24 | SAM portátil | 2009-2010 | 2000 |
| S-125 Pechora-2M | Sistema SAM | 2011-2014 | 11 |
| V-601/SA-3B | SAM | 2011-2014 | 550 |
| 2S19 MST-A-S 152mm | Arma autopropulsada | 2011-2013 | 48 |
| 2S23 Nona-SVK | Morteiro autopropulsado | 2011 | 13 |
| 9M117 Bastion/AT-10 | Míssil antitanque | 2011-2013 | 1000 |
| 9M317/SA-17 Grizzly | SAM | 2013 | 250 |
| 9M82M/SA-23A | SAM | 2013 | 40 |
| 9M83M/SA-23B | SAM | 2013 | 150 |
| BM-21 Grad 122mm | Lançador múltiplo de foguetes autopropulsado | 2011 | 24 |
| BM-9A52 Smerch | Lançador múltiplo de foguetes autopropulsado | 2013 | 12 |
| BMP-3 | IFV | 2011-2013 | 123 |
| BTR-80A | IFV | 2011-2014 | 114 |
| Buk-M2/SA-17 | Sistema SAM | 2013 | 12 |
| S-300VM/SA-23 | Sistema SAM | 2013 | 3 |
| T-72M1 | Carro de combate | 2011-2013 | 92 |
| 2B11 120mm | Morteiro | 2011-2012 | 24 |
| Igla-S/SA-24 | SAM portátil | 2012 | 2000 |

Fonte: SIPRI (2018).

Como se observa no Quadro 1, as transferências de armas entre Rússia e Venezuela estiveram ligadas ao objetivo de recompor as capacidades militares do país sul-americano, com destaques para plataformas e sistemas aéreos, missilísticos e de foguetes. Desde o período Chávez (1999-2013) as forças armadas venezuelanas treinam regularmente com foco crescente na cooperação civil-militar (IISS, 2019). Além

de treinamentos e adestramentos entre ramos distintos das forças armadas e forças intermediárias (Guarda Nacional Bolivariana), militares venezuelanos participam de exercícios combinados com Rússia e China.

No entanto, seja pela distância em relação a esses fornecedores, seja pela fragilidade logística e de suporte ou mesmo pela crise econômica, as capacidades militares convencionais da Venezuela vêm se deteriorando (IISS, 2019, p. 433), incorrendo num baixo nível de prontidão operacional em virtude da baixa disponibilidade de peças de reposição e manutenção técnica (IISS, 2018). Apesar da crise e da degradação das capacidades militares convencionais do país, a Venezuela ainda é tida como possuindo as mais capazes estruturas aérea e antiaérea na região (IISS, 2018).

Um dos aspectos mais relevantes nas relações entre Moscou e Caracas derivado da crise é a perda da centralidade do comércio de armas como elemento mais robusto da conexão entre interesses geopolíticos e econômicos entre os dois países. De acordo com Kurmanaev (2019), o conglomerado industrial de defesa russo, Rostec, tem buscado reduzir a sua exposição a problemas nos pagamentos e demais falhas de contrato com o governo da Venezuela. No entanto, enquanto a dinâmica econômica do intercâmbio de armas cai em relevância na relação bilateral, o simbolismo da relação supre um papel importante no campo da diplomacia militar (FROLOV, 2018; KURMANAEV, 2019).

Tendo em consideração o papel da Venezuela na estratégia internacional do presidente Putin, Moscou tem se mantido fundamental para a sobrevivência do regime (IISS, 2019). Quando as sanções dos Estados Unidos deterioraram mais ainda o já combalido setor de gás e petróleo no país, através da Rosneft a Rússia forneceu apoio (KAPLAN e PENFOLD, 2019). No campo militar, quando a administração Trump afirmou a possibilidade de medidas de força militar contra Caracas, a Venezuela recebeu a visita da aviação estratégica russa (FROLOV, 2018; KURMANAEV, 2019). Em 2015, dias

após a Casa Branca declarar a Venezuela uma “ameaça não-usual e extraordinária” para a segurança nacional, ocorreram no país sul-americano dez dias de exercícios militares que envolveram tropas e equipamentos russos (IISS, 2019).

A Venezuela possui um valor para a estratégia internacional russa que transcende os ganhos econômicos de curto prazo. A parceria russo-venezuelana é um nó difícil e custoso para Moscou desatar. Como bem nos lembra Rouvinski (2019),

“Outra característica distintiva das relações entre Rússia e Venezuela, no contexto da aproximação russa à América Latina, são os mais de 200 tratados, acordos, contratos e memorandos de entendimento assinados por Moscou e Caracas após Chávez se tornar presidente da Venezuela. Os acordos variam de um tratado abrangente de cooperação técnica militar, a documentos técnicos sobre o compartilhamento de certas tecnologias bancárias e de cibersegurança russas, a contratos de venda de produtos agrícolas russos. Em termos práticos, muitos dos tratados e acordos não foram cumpridos. No entanto, o alto número de acordos intergovernamentais se traduz em várias viagens dos principais burocratas russos e principais líderes empresariais à Venezuela, bem como viagens correspondentes de representantes venezuelanos à Rússia.”¹⁶ (ROUVINSKI, 2019, p. 15).

¹⁶ No original: “Another distinctive feature of the relations between Russia and Venezuela, in the context of the Russian rapprochement to Latin America, is the over 200 treaties, agreements, contracts, and memorandums of understanding signed by Moscow and Caracas after Chávez became president of Venezuela.⁵⁵ These agreements range from a comprehensive treaty of technical military cooperation, to technical documents on sharing certain Russian bank and cybersecurity technologies, to sales contracts for Russian agricultural products. In practical terms, many of the treaties and agreements have gone unfulfilled. Nonetheless, the high number of inter-governmental agreements translates to multiple trips by top Russian bureaucrats and key business leaders to Venezuela, as

É importante ressaltar que a relação russo-venezuelana impactou questões internacionais fora da América Latina e Caribe. Com o alinhamento buscado por Chávez com Putin, a Venezuela contribuiu para a consecução dos objetivos internacionais de Moscou em outras arenas. Podemos citar como exemplo a rejeição de Caracas ao pleito de independência do Kosovo, o apoio a posição russa quando da guerra com a Geórgia em 2008, tal como o reconhecimento por parte de Caracas das regiões separatistas da Ossétia do Sul e a Abecásia (ROUVINSKI, 2019).

No entanto, é no cenário latino-americano que o tandem russo-venezuelano impacta fortemente o equilíbrio de poder e o panorama de segurança. Como exemplo dessa afirmação, a já mencionada visita da aviação estratégica russa na Venezuela em 2008, 2013 e em dezembro de 2018 (FROLOV, 2018) não apenas contribui no plano material – para a capacidade russa de projeção de poder em longas distâncias – como sinaliza a capacidade de utilizar a proximidade da Venezuela com os Estados Unidos na sua estratégia de dissuasão nuclear.

Embora exista o debate sobre se realmente seria necessária uma base área russa no país sul-americano (FROLOV, 2018), o simbolismo e carta geopolítica é expressivo. Aviões Tu-160 (*Blackjack*) são aeronaves de asa fixa aptas a compor a tríade nuclear russa. Conforme aponta Trinkunas (apud PHILLIPS, 2018), a ocasião da visita e da realização de exercícios conjuntos, no contexto do açodamento das tensões com os EUA, sinaliza o apoio da Rússia à Venezuela, aumentando o seu peso geopolítico no âmbito da confrontação mais geral entre Moscou e Washington.

Entretanto, a estratégia internacional da Rússia, da qual a Venezuela é um componente importante, é objeto de um conjunto de limitações, algumas das quais já discutidas neste trabalho. Entre outras, está o

well as corresponding trips by Venezuelan representatives to Russia. (ROUVINSKI, 2019, p. 15).”

fato de que para os Estados Unidos embora a Rússia seja um problema, a competição de

longo prazo se dá com a China (IISS, 2019).

FIGURA 3: Tu-160 russos e a Distância entre Venezuela e Estados Unidos



Fonte: Aero (2018).

Assim, o pleito russo de ser um centro de poder dotado de prestígio e liderança pode ser prejudicado por não se situar na centralidade do embate geopolítico definidor da polaridade global nos próximos anos. Outro fator fundamental é a distância. Não obstante Moscou tenha a possibilidade de exercer presença política e militar mais ativa em países como Venezuela, Cuba e Nicarágua, a distância e as dificuldades logísticas em caso de necessidade de mobilização para a região são hercúleas. Estas, aumentadas em virtude das fragilidades expedicionárias russas, pelas dificuldades de sua marinha e pela presença robusta dos componentes navais dos Comandos Unificados Combatentes dos Estados Unidos na região do Pacífico Norte e Sul.

Em síntese, a aposta de Moscou na Venezuela, visa assegurar os retornos de seus investimentos, ao passo que habilita o país, mesmo que de forma limitada, a jogar geopoliticamente no hemisfério americano (KAPLAN e PENFOLD, 2019). Conforme asseveram Kosinski e Alvares (2019), embora não se situa numa área geopoliticamente sensível como o Irã no Oriente Médio e apesar da crise atual, a Venezuela é um ator importante internacionalmente em virtude de possuir as maiores reservas de petróleo comprovadas, além de sua posição na Bacia do Caribe.

Implicações para a Segurança Regional

O presente artigo teve como objetivo analisar a geopolítica e a postura estratégica da Rússia contemporânea no contexto da crise

da Venezuela. Para isso, o texto foi estruturado na análise e avaliação da postura estratégica da Rússia na América Latina e Caribe, tendo como segundo eixo a diplomacia militar russa na Venezuela, com especial atenção para o padrão de transferência de armas entre Moscou e Caracas.

Na seção sobre Postura estratégica da Rússia na crise da Venezuela discorremos sobre os principais objetivos internacionais da Rússia nos últimos 20 anos. Objetivos atrelados à construção de uma ordem multipolar e ao reposicionamento simbólico (reconhecimento) e material (poder nacional) da Rússia à condição de grande potência. Estes objetivos, analisados à luz de documentos oficiais de Moscou nos permitiram analisar o envolvimento do país na crise da Venezuela tendo como lente o que o país sul-americano significa para o que chamamos de uma estratégia internacional da Rússia.

Essa estratégia, voltada originalmente a reposicionar a Rússia economicamente no contexto do *boom* das *commodities* dos anos 2000, tendo na América Latina uma janela de oportunidade, viu a relevância da região e da Venezuela mudar à luz da ótica geopolítica. Em outras palavras, os interesses e motivações russos confluíram cada vez mais para a conjugação de meios econômicos, atrelados ao setor energético, para fins geopolíticos. Sob essa ótica, a ação da Rosneft em associação com a política externa de Moscou para Caracas cumpre o duplo objetivo de manter o regime Maduro, garantindo para si um papel de destaque na resolução da crise agora internacional e, assegurar espaço e recursos importantes, seja para agir na área de influência imediata dos EUA, somado ao controle e influência sob ativos de gás e petróleo no país que detém as maiores reservas de petróleo comprovadas.

Não obstante a coerência dessa estratégia internacional, demonstramos os seus limites quando aplicada ao caso da Venezuela. Fatores como a distância entre Rússia e Venezuela, as crescentes

dificuldades econômicas da Rússia e a ampliação de frentes de ação (Ucrânia, Síria e Venezuela) geram uma pressão considerável sobre as capacidades russas e constroem a sua liberdade de ação. Por sua vez, apesar dos Estados Unidos ter o fator distância ao seu favor, agir em sua área de influência imediata e contar com uma diversidade de recursos de poder, discutimos como a estratégia de minar o governo Maduro ao impor sanções unilaterais à Venezuela joga o país cada vez mais na órbita geopolítica de Moscou, trazendo a Rússia mais para dentro da disputa hemisférica.

Observamos a confluência das dinâmicas da política internacional russa para a Venezuela e os seus desdobramentos geopolíticos, econômicos e energéticos dialogando fortemente com a expressão militar do poder da Rússia na América Latina e Caribe. Partindo dessa interpretação, na seção sobre Estratégia e Poder Militar Russo na Venezuela, analisamos como a Rússia se faz presente na região através da transferência de armas, equipamentos militares e diplomacia militar. Estas expressões foram observadas em países da América Central (Nicarágua), Caribe (Cuba), América do Sul (Bolívia, Peru, Venezuela). Verificamos que o caso da Venezuela assumiu uma proporção inédita quando comparada à relação bilateral com a Rússia, tornando o país sul-americano uma importante peça no tabuleiro internacional de Moscou. Concluímos que entre 2000 e 2018 a Rússia não apenas participou ativamente do processo de recomposição de capacidades militares convencionais da Venezuela, como foi imprescindível para a modernização das forças armadas do país. Ademais, um dos logros fundamentais no campo militar no decorrer da crise atual é o robusto sistema de defesa antiaéreo e de defesa aérea montados nos últimos anos. Apesar de não ser um sistema A2/AD (anti-acesso e negação de área) como o russo, exibe um potencial negacionista importante.

Além do campo das capacidades militares, a relação russo-venezuelana tem na diplomacia política e militar uma dimensão

expressiva. Conforme observamos, tanto a Venezuela assumiu posições pró-Rússia em assuntos internacionais sensíveis – Kosovo, Geórgia e Ucrânia – como a Rússia tem emitido diversas sinalizações, diplomáticas e militares, em favor de Caracas. Enquanto para a Venezuela a Rússia é fundamental para se sustentar num cenário de crescente isolamento regional e penúria financeira, para a Rússia a Venezuela é uma peça que lhe permite jogar geopoliticamente com os Estados em sua área de influência.

Considerações para o Exército Brasileiro

Dos achados e conclusões levantadas ao longo do presente artigo derivam um conjunto de considerações para o Brasil e em particular para o Exército Brasileiro. Primeiramente, deve-se atentar para o quadro crescente de instabilidade regional provocada pela crescente crise da Venezuela e o seu complexo processo de internacionalização (captura da crise doméstica por grandes potências – EUA e Rússia). Para além da crise humanitária vivenciada, da qual a Operação Acolhida é uma resposta exemplar, torna-se cada vez mais plausível a ocorrência de Disputas Militarizadas Interestatais (MID - *Militarized Interstate Disputes*). Padrão tradicional de conflito-crise na América Latina, as MID decorrentes da crise em apreço podem ensejar ações de ameaça ou uso da força limitado em regiões de fronteira com o Brasil. Estas poderão ocorrer tanto entre Venezuela-Colômbia, Venezuela-Guiana, Venezuela-Estados Unidos ou Rússia-Colômbia.

Geograficamente, em regiões onde o Brasil compartilha tríplices fronteiras (Brasil, Colômbia, Venezuela ou Brasil, Guiana, Venezuela) o território brasileiro pode ser usado por atores beligerantes como área de passagem, corredor logístico informal ou *santuário*. A depender da dinâmica de um potencial conflito, a presença (estável ou pendular) de forças estrangeiras no território nacional poderá ser acompanhada da articulação ou conflito com atores do crime organizado transnacional que já disputam essas regiões. Em síntese, a crise da Venezuela, por seu caráter internacionalizado

e potencial violento tem uma elevada capacidade de provocar instabilidade regional com potencial episódios de uso da força interestatal.

Com base nessa avaliação recomenda-se sustentar um importante legado da tradição de política externa do Brasil: a articulação entre a busca por autonomia e a operacionalização de sua condição como país intermediário. No contexto tratado no decorrer do artigo, o Brasil encontra numa posição *sui generis*. Ao mesmo tempo que é membro fundador do grupo BRICS, dos quais conta com acesso privilegiado a dois importantes interlocutores da crise Venezuela (Rússia e China), o Brasil passa por um processo de aproximação e alinhamento com os Estados Unidos, que compõe o outro lado em disputa. Por sua vez, se faz necessário recordar que distinto das grandes potências acima mencionadas, o Brasil tem na Venezuela um vizinho, contiguidade territorial e uma certeza de transbordamento de segurança para o seu próprio território.

Essa avaliação incide em considerar a tomada de uma posição de cautela no trato da crise em questão. Sob a ótica de Estados Unidos e Rússia, a crise da Venezuela atende a um jogo geopolítico que nos escapa e do qual possivelmente pouco temos a ganhar em termos do interesse nacional. Conforme analisado no artigo, a Rússia possui interesses robustos na Venezuela (geopolíticos e energéticos), tal como os Estados Unidos (posição, prestígio e segurança). A resolução da crise em curso nos moldes de um jogo de soma zero poderá produzir externalidades negativas de segurança ainda não ponderadas para o Brasil.

No tocante às lições aprendidas da atuação da Rússia na crise da Venezuela, consideramos indelével relevância de alinhamento internacional para sustentar pressões internacionais. Entretanto, a associação com terceiros para fins de balanceamento tem como requisito a coincidência estratégica e objetivos convergentes. Por outro lado, alinhamentos podem também restringir a liberdade de ação do lado mais fraco da cooperação de

segurança. Um segundo ponto consiste na preparação para guerra, ou na manutenção de capacidade militar que permita gerar efeito dissuasório através de meios de negação amparados nas dimensões terrestre e aérea (mísseis e foguetes).

Por fim, em virtude da grandeza das potências que possuem capacidades ofensivas na crise em tela (Rússia e Estados Unidos), se

faz importante considerar a mobilização e reforço da presença militar nas potenciais regiões de conflito, porém com constante e efetiva comunicação com os países vizinhos através de canais diplomáticos e principalmente militares. Tão importante quanto é reforçar as capacidades logísticas e de defesa que garantam a capacidade de transporte, abastecimento e se possível combate na região norte do Brasil.

Referências

- AERO. “Bombardeiros estratégicos russos Tu-160 pousam na Venezuela”. *Poder Aéreo*, 10 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.aereo.jor.br/2018/12/10/bombardeiros-estrategicos-russos-tu-160-pousam-na-venezuela/>, Acesso em: 12 set. 2019.
- BBC. “Maduro and Guaidó: Who is supporting whom in Venezuela?”. *BBC NEWS World*, Latin America. 5 february, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-47053701>, Acesso em: 12 set. 2019.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *On War*. Traduzido por Michael Howard e Peter Paret. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- CORRALES, Javier; PENFOLD, Michael. *Dragon in the Tropics: Hugo Chávez and the political economy of revolution in Venezuela*. Washington: The Brookings Institution, 2011.
- DUGIN, Alexander. *Last War of the World-Island: The Geopolitics of Contemporary Russia*. London: Artkos, 2015.
- EXAME. “Rússia está próxima de instalar base militar na Venezuela”. *Estadão Conteúdo*, Mundo. 19 ago 2019. Disponível em: <https://exame-abril-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/exame.abril.com.br/mundo/russia-esta-quase-instalado-uma-base-militar-na-venezuela/amp/?amp_js_v=0.1#referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&_tf=Fonte%3A%20%251%24s&share=https%3A%2F%2Fexame.abril.com.br%2Fmundo%2Frussia-esta-quase-instalado-uma-base-militar-na-venezuela%2F>, Acesso em: 12 set. 2019.
- FROLOV, Andrei. “Russian Bombers in Venezuela: No Need for Permanent Air Base”. *ValdaiDiscussion Club*, Expert Opinion. 27 dezembro 2018. Disponível em: <http://valdaiclub.com/a/highlights/russian-bombers-in-venezuela/>, Acesso em: 12 set. 2019.
- GURGANUS, Julia. “Russia: Playing a Geopolitical Game in Latin America”. *Carnegie Endowment for Peace*. May 03, 2018. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2018/05/03/russia-playing-geopolitical-game-in-latin-america-pub-76228>, Acesso em: 12 set. 2019.
- IISS. International Institute for Strategic Studies. *The Military Balance 2019: The annual assessment of global military capabilities and defence economics*. London, 2019.
- KAPLAN, Stephen B., PENFOLD, Michael. “China and Russia have deep financial ties to Venezuela. Here’s what’s at stake.” *Washington Post*, Monkey Cage Analysis. February 22 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2019/02/22/china-russia-have-deep-financial-ties-venezuela-heres-whats-stake/>. Acesso em: 12 set. 2019.

KOSINSKI, Daniel; ALVARES, Ticiana. “The U.S. Sanctions Against Venezuela”. *Valdai Discussion Club*, Expert Opinion. August 12, 2019. Disponível em: <http://valdaiclub.com/a/highlights/the-u-s-sanctions-against-venezuela/>, Acesso em: 12 set. 2019.

KURMANAEV, Anatoly. “Venezuela’s Collapse Frays Its Economic Ties With Russia”. *The New York Times*. June 17, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/06/17/world/americas/venezuela-russia-economy.html>, Acesso em: 12 set. 2019.

LAFUENTE, Javier; SCHARFENBERG, Ewald. “A decadência da Alba”. *El País, Internacional*, América Latina. Madri, 15 dezembro, 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/13/internacional/1418491835_596490.html, Acesso em: 12 set. 2019.

MARTYNOV, Boris. “Is a Blockade of Venezuela Possible?”. *Valdai Discussion Club*, Expert Opinion. August 8, 2019. Disponível em: <http://valdaiclub.com/a/highlights/is-a-blockade-of-venezuela-possible/>, Acesso em: 12 set. 2019.

OLIKER, Olga. “Unpacking Russia’s New National Security Strategy”, *Center for Strategic & International Studies*, January 7, 2016. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/unpacking-russias-new-national-security-strategy>, Acesso em: 27 ago. 2018.

ONER, Imdat; SHEHADEH, Lana. “In Venezuela, an isolated Maduro searches for allies across the globe”. *War on the Rocks*. January 30, 2019. Disponível em: <https://warontherocks.com/2019/01/in-venezuela-an-isolated-maduro-searches-for-allies-across-the-globe/>. Acesso em: 12 mar. 2019.

OTTA, Lu Aiko. “Brasil apoiará grupo de ‘amigos da Venezuela’ na OEA”. *Estadão, Internacional*. 29 de maio de 2017. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-apoiara-grupo-de-amigos-da-venezuela-na-oea,70001817045>, Acesso em: 12 set. 2019.

PHILLIPS, Tom. “Venezuela welcomes Russian bombers in show of support for Maduro”. *The Guardian*, 10 Dec 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/dec/10/venezuela-russian-bombers-maduro>, Acesso em: 12 set. 2019.

ROMANA, Heitor Barras. “Da Cultura Estratégica: Uma Abordagem Sistêmica e Interdisciplinar”. *R. Esc. Guerra Naval*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 13-32, jan/abr. 2016.

ROSSI, Amanda. “Crise na Venezuela: o que é o Grupo de Lima, que reúne representantes de 14 países”. *BBC NEWS*. 25 fevereiro 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47339120>, Acesso em: 12 set. 2019.

ROUVINSKI, Vladimir. “Russian-Venezuelan Relations at a Crossroads”. *Latin American Program, Kennan Institute*. February 2019. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/russia-venezuela_report_rouvinski_final_0.pdf, Acesso em: 12 set. 2019.

RUSSIAN FEDERATION. *Russian National Security Strategy*. APPROVED by Russian Federation Presidential Edict 683 Dated 31 December 2015. Disponível em: <http://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/Russian-National-Security-Strategy-31Dec2015.pdf>, Acesso em: 27 ago. 2018.

RUSSIAN FEDERATION. *The Foreign Policy Concept of the Russian Federation*. APPROVED by President of the Russian Federation Vladimir Putin on November 30, 2016. Disponível em: https://www.rusemb.org.uk/rp_insight/, Acesso em: 12 set. 2019.

RUSSIAN FEDERATION. *The Military Doctrine of the Russian Federation*. APPROVED by the President of the Russian Federation on December 25, 2014. Disponível em: <https://rusemb.org.uk/press/2029>, Acesso em: 27 ago. 2018.

SCHAKE, Kori. “Let the Monroe Doctrine Die”. *Foreign Policy*, Argument. May 29, 2019. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/05/29/let-the-monroe-doctrine-die-venezuela-bolton/>, Acesso em: 12 set. 2019.

SIPRI. *Stockholm International Peace Research Institute. SIPRI Arms Transfers Database*, 2018. Disponível em: http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php.

STOTT, Michael; SHEPPARD, David. “Russia’s Rosneft last major petrol supplier to Venezuela”. *Financial Times*. Agos 7, 2019. Disponível em: <https://www.ft.com/content/d0645804-b7a3-11e9-96bd-8e884d3ea203>, Acesso em: 12 set. 2019.

SUSHENTOV, Andrey. “The Russian Response to the RMA: military strategy towards security threats”. In: Jeffrey Collins and Andrew Futter (Org.), *Reassessing the Revolution in Military Affairs: transformation, evolution and lessons learnt*. Hampshire and New York: Palgrave Macmillan, 2015. Pp. 112- 131.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M.. Postura Estratégica da Rússia e Uso da Força no Século XXI. Centro de Estudos Estratégicos do Exército : Análise Estratégica, [S.l.], v. 10, n. 4, p. 5-20, nov. 2018b. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEExAE/article/view/1837>>. Acesso em: 11 dez. 2018b.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M.. Postura Estratégica dos Estados Unidos e uso da Força. Centro de Estudos Estratégicos do Exército : Análise Estratégica, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 5-17, ago. 2018a. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEExAE/article/view/1636>>. Acesso em: 11 dez. 2018a.

THE ECONOMIST. “John Bolton and the Monroe Doctrine”. *The Economist*. May 9th 2019. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2019/05/09/john-bolton-and-the-monroe-doctrine> THE ECONOMIST 2019, Acesso em: 12 set. 2019.

VADELL, J. A. “China in Latin America: South-South Cooperation with Chinese Characteristics”. *Latin American Perspectives*. 2018.

VALDUGA, Fernando. “Bombardeiros russos Tu-160 são implantados em base aérea próxima do continente norte americano”. *CAVOK*, Asas da Informação. 16 ago 2019. Disponível em: <<https://www.cavok.com.br/blog/bombardeiros-russos-tu-160-sao-implantados-em-base-aerea-proxima-do-continente-norte-americano/>>, Acesso em: 12 set. 2019.

WARD, Alex. “Why Russia just sent troops to Venezuela”. *Vox*. March 27, 2019. Disponível em: <https://www.vox.com/2019/3/27/18283807/venezuela-russia-troops-trump-maduro-guaido>, Acesso em: 12 set. 2019.

ZERPA, Fabiola; MILLARD, Peter. “Russia Squeezing Embattled Venezuela for Tax-Free Gas Expansion”. *Bloomberg*, Markets. June 20, 2019. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-06-20/russia-squeezing-embattled-venezuela-for-tax-free-gas-expansion>, Acesso em: 12 set. 2019.